



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da União Operária Nacional  
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração — Calçada do Combro, 36-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. Talhoba — Lisboa • Telefone: 7

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## Crença forte

Desejariamos que todos os militantes operários houvessem podido assistir ao Congresso Operário Nacional de Coimbra para que, em estas linhas escreva, de vez em quando, os trabalhadores, ali representados pelos seus legítimos delegados, que de todos os pontos do país convergiram a Coimbra, estivessem integrados no sindicalismo revolucionário, tendo sido inequívocas as demonstrações e sob este aspecto ali presentes, que, perante elas, a maioria de delegados que encarnam os princípios reformistas nem quer esboçaram a defesa de qualquer fórmula que porventura desse significar discordância com o espírito revolucionário que principia a última sessão anti-congresso.

Não há dúvida que a massa operária ama os princípios sindicalistas revolucionários, encontrando-se quasi completamente dissociada de todas as quaisquer nuances políticas, às quais vota maior repúdio. A principal razão para a cidade, a fé, a crença no futuro melhor, vão evidentemente para os métodos mais avançados da organização sindicalista.

Houve sessões, especialmente primeiras, em que a discussão vivíssima, tendo chegado mesmo a decorrer entre grande agitação uma delas: aquela em que discutia o parecer da comissão zistora de mandatos; mas a imbução essa discussão, que foi brul, calorosa, veemente, transcorreu, em nosso critério, não o direito de atacar homens, alguns dos aliás com uma larga folha de serviços a classe operária, mas propósitos de afirmar iniludivelmente o princípio de que quando os homens estão, ainda que insistentemente, no desempenho de situações estranhas à própria profissão, encontram-se inconscientemente deslocados do seu meio, devendo, nessas circunstâncias, representar nas reuniões operárias agrupamentos aos quais não pertencem directamente.

Havia, quanto a nós, da parte da maioria do Congresso, a preocupação, não de hostilizar pessoalmente esses homens, mas de mostrar-lhes claramente que operariado organizado, aceitamos com prazer no seu seio todos os sinceros trabalhadores para uma profunda transformação social, os desejaria ver contidos ali como lúdimos representantes dos sindicatos a que pertencem. Derrota, o precedente se não quicá perigoso, porque poderia dar lugar a que de futuros congressos participassem criaturas, que, sem quaisquer escrúpulos, pudessem invocar o exemplo, para tomar assento ao lado de operários a quem possivelmente seriam sido nocivos, o que implicaria uma situação sobremaneira singular.

Se houve, porém, vivacidade, vivacidade e até, por vezes, manifesta intolerância numa parte dos congressistas, não há dúvida que também houve ocasiões em que a serenidade foi admirável, tendo sido a sessão mais calma aquela em que se discutiu a tese sobre os sindicatos únicos, precisamente a que se esperava fosse a mais brul por se saber da existência de duas fortes correntes, com pontos de vista diferentes sobre o assunto.

Foi mesmo elevadíssima essa discussão, que se prolongou durante algumas horas, pena tendo sido que as circunstâncias não houvessem permitido que ela prosseguisse, porque aos argumentos postos, muitos outros havia a apresentar, porquanto se propunham os defensores das duas correntes postas produzir um debate interessantíssimo.

A nota mais comovedora do Congresso foi, porém, a que precedeu a sessão de encerramento, em que os representantes dos forçados do campo, os simpáticos delegados dos trabalhadores rurais, sobretudo o mais velho deles, produziram um discurso repleto de belos conceitos, tendo sido sobrio de lógica e de emo-

ção ao dirigir as suas mais calorosas saudações, em nome da classe que representava, aos trabalhadores da Escola — os professores primários, representados no Congresso por três dos seus mais dedicados elementos, havendo a assembleia coberto as palavras sinceras do velho militante rural com uma vibrante aclamação, sobretudo quando ele exortou os professores primários a estreitarem os elos com o operariado do campo e das cidades.

### TANTO ALARIDO...

## Veem aí as 8 horas?

O presidente da República sancionou ante-hontem com a sua assinatura o regulamento do decreto n.º 5515, relativo ao horário de trabalho, e já por esse facto, os amigos parlamentaristas embebedaram em arco, possuídos de extremo regosio, estampando, todos desvanecidos, na primeira página do seu órgão, os retratos daqueles que supõe autores da maravilha legislativa cuja vigência agoira. E, verdade, verdade, o decreto 5515, não é nenhuma destas calamidades de fazer abrir o guar-chuva a uma pessoa. Mas lá nos quer parecer injustificado e exageradíssimo o entusiasmo que muitos andam aí ruidosamente demonstrando.

Resolver a gente do poder que tais classes passarão a trabalhar por tal ou tal horário não tem importância nenhuma, com permissão dos camaradas parlamentaristas. O que terá importância é cumprirmos de facto aquelas disposições do decreto que implicam uma diminuição nas actuais jornadas de labor. Ora isto só se consegue à custa de muito esforço operário, após lutas renhidas de cada corporação laboriosa, porque sem isso o patronato passará como cão por vinha vin-

## GOVERNO NOTAS E IMPRESSÕES

### CONTRA AS JUVENTUDES SINDICALISTAS

Da presidência do ministério foi-nos ontem enviada, por intermédio do nosso reporter da arcada, a seguinte nota:

Existindo em Lisboa uma agremiação denominada Juventude Sindicalista do 1.º bairro, na sua maioria constituída por menores, e cujos fins visam a incutir, pela propaganda, a ideia da indisciplina, quando chamados à vida militar, o presidente do ministério determinou que seja impedida de reunião, seja onde for, aquela associação, detendo os membros que sejam menores. O chefe do governo recomendou ao governador civil de Lisboa que mande avisar os corpos gerentes das associações de classe de que incorrerão nas penalidades legais se consentirem que aquela dissolvente agremiação sindicalista reúna em qualquer das suas sedes, como tem sucedido.

Vão recomendar as violências, pelo que se vê, contra as organizações sindicalistas. Agora são os núcleos de juventude que contenderam com os nervos do presidente do ministério. E, como se de mais nada o governo tivesse de ocupar-se, toca de atirar contra os grupos dos jovens operários toda a policia do país.

Nós não sabemos se o governo conhece as bases em que assenta a organização das Juventudes Sindicalistas. O que sabemos é que a sua constituição lhe não agrada. Não é por se tratar de menores que procuram educar-se fora de todos os preconceitos e de todas as mentiras em que se assenta a sociedade em que o sr. Sá Cardoso tem uma elevada posição. E' porque o governo, perseguindo sistematicamente tudo quanto lhe cheira a sindicalismo, força a parte mais fraca, supondo que conseguirá assim vencer a grande corrente já invencível.

Outros governos, anteriores a este, outros presidentes, antecessores do sr. Sá Cardoso, tentaram, por diversas vezes, combates vários à organização sindical e às próprias juventudes, que não são do tempo do actual presidente do governo, mas de há cerca de sete anos. No entanto estas agremiações mativeram-se, através de toda a guerra movida contra elas, quando do seu início, pelos governos de todas as cores.

As juventudes sindicalistas são escolas livres onde os jovens operários se reúnem para estudar, para aprender, para se tornarem homens conscientes. Mas os governos foram sempre assim.

## Coiffeur-Peluquero

Há coisas que, por mais sérias e graves que se nos antolhem, se tornam, quando elevadas a um grau de exagero ultra-inaceitável, não só acentualmente tolas como supinamente ridiculas. E' por isso que, o casamento, sendo, porventura, o acto mais importante que, na sociedade de hoje, o homem realiza, é, quando a sua compostura e gravidade excedem os limites do racional, uma farsa, uma farsa extremamente burlesca. Tudo, até mesmo os nossos sentimentos, tem a sua medida, ultrapassada a qual é fácil cair-se nos erros que, se umas vezes são risíveis, outras podem ser funestos. A indignação e a cólera, mesmo, sentimentos justíssimos, justificadíssimos e naturalíssimos nos humanos, não devem nunca ir além, em violência, do facto que os provocou, sob pena de se transformar numa exteriorização imbecil e deca dum agravo que se não sente.

Repugna-me falar, já mais para o público, das minhas opiniões, porque considero o alarde que cada um faz daquilo que pensa, como uma manifestação de pedantismo e fatuidade que, decididamente, não está nos meus hábitos. Todavia, acho oportuno, e de certo modo necessário explicar, à meia dúzia que me lê, que não gosto nada de sapatos largos nem gosto, também, de trazer o pé na inquisição. As comidas muito ensopadas são tam inspidas e deslavadas como aquelas onde abunda o sal, são intolerantes e agressivas. Sou, pois, um acérrimo partidário do meio-termo. Nem oitão, nem oitenta. Costumo dar aos factos a importância que eles tem, considerando-tolos chapados — não lhes levo nada pelo elogio — os que, a propósito de coisas mínimas, percorrem toda a gama indignativa, abiltando o alvo

de aturar a casmurrice dum classista que, aliás, muito prezo, ao contrário do que supõem, por ter, já por mais duma vez, desempenhado muito bem o seu papel nalgumas conquistas amorosas com que nas horas vagas me entretenho. O que não impede que ache todos os barbeiros excepcionalmente maquiados, tanto profissional como intelectualmente, tendo já resolvido, de mim para comigo, não revelar a ninguém o incógnito, porque, quem me fez uma partida destas é muito mais capaz de, apurando-me a gelto, me cortar os gorgolhos se chega a saber que eu sou, efectivamente, eu.

## Duas resoluções do Congresso de Coimbra que urge fixar

### Sobre as delegacias operárias ao Instituto Superior de Trabalho, às Bólsas e ao Congresso de Washington

Como é do domínio dos nossos leitores, o governo convidou as associações operárias do país a nomear delegados ao Instituto Superior de Trabalho, tendo também recentemente convidado cada uma das associações a indicar três nomes de operários para, de entre eles, escolher o que representaria o operariado português no congresso de Washington, a realizar em breve.

A Comissão Administrativa da U. O. N. apresentou ao Congresso de Coimbra uma consulta sobre o assunto, o qual, por intermédio duma comissão especial, apresentou os seguintes pareceres, que foram aprovados por unanimidade:

Presados congressistas. — A comissão por vós nomeada para dar parecer sobre o convite feito pelo Instituto de Seguros Sociais Obrigatórios e de Previdência Social, referentemente ao decreto n.º 5.639 que cria as Bólsas Sociais de Trabalho, vem, desta forma, apresentar-vos o seu parecer.

Reconhecemos, de facto, importante a criação das Bólsas de Trabalho como instituições de utilidade operária para o fim de colocações em todos os ramos de actividade profissional, dando-lhe, ao mesmo tempo, informações que interessam as transacções ou contratos de trabalho, promover estatísticas sobre a produção e consumo, estudar as causas determinantes das faltas de trabalho, fixar o número de operários empregados em cada indústria e profissão, etc., etc.

Porém, entendemos que a criação das Bólsas Sociais de Trabalho devem ser feitas pelos organismos operários, fora da acção ou intervenção do Estado, porquanto reconhecemos à classe operária capacidade bastante para estudar e determinar todas as questões que lhe digam respeito.

3.ª A comissão também não reconhece vantagem na eleição de vogais para o Conselho Superior do Trabalho, porquanto isso representaria fazer anti-sindicalismo.

4.ª A comissão, incumbida também de dar parecer sobre a indicação, por parte das associações, de três nomes de operários, a fim de, entre todos, o governo escolher o representante operário ao Congresso Geral de Trabalho que se realiza em Washington, é de parecer que a classe operária não tem qualquer vantagem na sua representação no referido Congresso, que é composto por tudo menos por operários, e ainda porque representaria a colaboração de classes, que nós reconhecemos de nenhuma vantagem para a classe operária.

Eis, pois, camaradas, interpretado o sentir da comissão por vós nomeada para dar parecer sobre os assuntos acima versados. — Marcelino da Silva, Augusto Cadete e Norberto Teixeira de Carvalho.

O camarada ferroviário Jaime das Neves, que, como delegado do Sindicato Ferroviário da C. P., foi tomar parte no Congresso de Coimbra, ao regressar, na quarta-feira a Lisboa, deixou ficar, numa carruagem em que seguiu até Paialvo, um embrulho contendo várias onças de tabaco e outros objectos. Se esse embrulho foi porventura recolhido por qualquer dos camaradas que foram, ali, seus companheiros de viagem, pede-lhes a fmeira de o fazer chegar a esta redacção.

Repetimos: a criação da C. G. T. precisa de ser completada com a construção da Casa dos Trabalhadores, onde possam ter instalação condigna não só a Central dos Sindicatos, como os demais organismos operários e a Batalha, estrêno defensor dos direitos e dos interesses das massas produtoras, que ali encontrarão também todas as muitas vantagens de vária natureza que poderiam estabelecer-se numa edificação ampla e apropriada e que facilmente poderiam ser postas em prática fora dessas condições. Para este complemento se vai trabalhar afinadamente e com a confiança que resulta do apoio que, por todas as formas, tem sido dada à ideia do camarada Freitas.

Entre a vária correspondência que tem sido recebida sobre o assunto consideramos como merecendo especial referência a carta que a seguir reproduzimos e que pode constituir um exemplo a seguir por todos os que sinceramente se interessam pela causa dos que trabalham e que devem sentir que da criação da Casa dos Trabalhadores resultará, para essa causa, incalculáveis benefícios materiais e, principalmente, de ordem moral.

Eis a carta:

«Casa de Reclusão, 20-9-1919. — Camarada redactor. — Incluo envio a importância de 1800 (um escudo) a qual se destina à grande Casa dos Trabalhadores, importância esta que não incluo no dia de trabalho com que todos nós trabalhadores temos o dever de contribuir, tencionando eu cumprir este dever quando retomar o trabalho, porque, à data, encontro-me preso no forte do Alto do Duque, acusado de fazer propaganda bolchevista. Saúde e fraternidade. Avante pela organização operária! — Manuel Paizão, ex 2.º sargento de artilharia, operário pedreiro.



Fotografia dum numeroso grupo de congressistas, tirada no parque de Santa Cruz, em Coimbra

dimada por sobre aquelas disposições que não convierem aos seus interesses. Assim sendo, o regosio de agora é prematuro, porque nada está conseguido, melhor parecendo adiar as lufúrias para época talvez ainda afastada, em que o operariado todo, sem exclusão de qualquer classe, entre na fruição da almejada regalia, que o decreto outra coisa não faz senão considerar parcialmente justa. Mas admitido que a regalia aludida só à custa do esforço operário possa ter efectivação garantida, revertem para esse mesmo esforço operário as honras e o mérito pela vitória alcançada.

Ainda por cima, o decreto, mesmo que tivesse cumprimento assegurado, não está beleza nenhuma, antes pelo contrário, por causa das muitas exclusões que consigna. Os rurais, a respeito da jornada de oito horas, têm de contentar-se com continuar trabalhando de sol a sol. Esta exclusão é a mais revoltante e a mais inexplicável das que no famoso decreto se consigna. Temos depois os ferroviários, que se não tratarem a valer de si, ficam na sombra, pois que o decreto os deixa asserbados com estudos por certo intermináveis para ver-se a maneira de diminuir-lhes o horário.

Para outras classes, especializando as dos empregados do comércio, que já estão beneficiados com leis que se não cumprem, pode bem dizer-se que o de-

Foi sempre esse o principal papel desempenhado pelo Estado. A perseguição ao estudo livre, ao desenvolvimento intelectual, à cultura dos indivíduos é o facto que caracteriza o reaccionarismo dos que mandam.

Assim foi no tempo de Loyola. Mas anda o governo com tais medidas. A propaganda sindicalista far-se há, quer as juventudes operárias existam, quer não. As ideias, quando de Verdade, de Razão e de Justiça, resistem sempre, sejam quais forem as perseguições que lhes movam.

Não vemos gesto do governo, contra as juventudes sindicalistas, mais do que uma reaccionária vingança contra a avalanche formidável que caminha, a passos agigantados, para a Revolução que há de tornar os homens iguais, terminando com todas as desigualdades, todas as iniquidades e todas as tiranias, que são a base da sociedade burguesa e capitalista.

Vingança tam reaccionária quanto certo não pretenderem 25 juventudes sindicalistas deitar por terra o governo do sr. Sá Cardoso.

O principal defeito do diploma que agora motivou as lufúrias dos amigos parlamentaristas está nesta circunstância. Ora apaguem lá as lufúrias, da sua indignação muitos juros acima do que é realmente merece.

Um dos artigos que bi-semanalmente envio para a gazeta, com uma pontualidade estomacal, mereceu os reparos duma classe quasi inteira, que viu nos meus propósitos, simplesmente literários, um desrespeito ofensivo da sua honra e do seu brio de trabalhadores honestos. Ora, eu devo confessar que sou, também, um trabalhador, e que nunca a minha consciência aceitará o repugnante papel de injuriar indivíduos que, como eu, mourem-se seis dias por semana para poderem comer ao sétimo alguma coisa mais do que as clássicas e obcecentes sardinhas fritas do jantar de todos os dias. Não. Seria preciso, porém, que a classe dos barbeiros soubesse o que quer, o que diz e, sobretudo, contra o que protesta quando não contente em me aborrecer duas vezes por semana, me salta ainda na cuia por eu ter feito um artigo, remotamente literário, cujo alcance e cujo objectivo ela foi incapaz de atingir. Seria preciso que a classe dos barbeiros soubesse distinguir entre um artigo de fundo e uma crónica — perdoe-se-me a imo-

também não afirmei que não fosse ou fosse composta de sinceros republicanos, o que francamente me não incomoda. Cada qual carrega com as albardas que entende; quinto, não puz em dúvida a sua honestidade. Nada ou quasi nada, pois, se aproveita do que transcrevi, para elucidação dos meus seis leitores. E' tudo, ou quasi tudo, falso, e nem mesmo o apelido do protestante é verdadeiro, de contrário, ele tinha-lhe feito a vontade — calando-se.

Acho duro e não concordo que eu tenha de aturar a casmurrice dum classista que, aliás, muito prezo, ao contrário do que supõem, por ter, já por mais duma vez, desempenhado muito bem o seu papel nalgumas conquistas amorosas com que nas horas vagas me entretenho. O que não impede que ache todos os barbeiros excepcionalmente maquiados, tanto profissional como intelectualmente, tendo já resolvido, de mim para comigo, não revelar a ninguém o incógnito, porque, quem me fez uma partida destas é muito mais capaz de, apurando-me a gelto, me cortar os gorgolhos se chega a saber que eu sou, efectivamente, eu.

Anterode LIMA

Como é sabido, nunca a acção do Estado foi de molde a beneficiar a classe operária, não obstante vasta legislação ter aparecido nesse sentido, mas sempre feita com a intenção de enfiar a acção dos organismos operários.

Em reforço destas palavras, temos a doutrina consignada no art. 5.º do referido decreto 5.639, que diz: «Cada Bólsa Social de Trabalho será constituída por uma comissão de cinco membros, sendo dois eleitos pelas associações profissionais operárias de cada distrito ou concelho, tendo um exercício normal de três anos, e os restantes nomeados pelo governo, podendo ser nomeados em cada período de três anos».

E' bem manifesta, como vêem, a inferioridade dos representantes operários, porquanto a sua acção fica subordinada, não à associação de classe, mas à maioria da comissão da Bólsa, que é indicada pelo governo e, ainda, porque a sua comissão administrativa é constituída por representantes do governo.

Nesta ordem de ideias, somos do parecer seguinte:

1.º Que as associações não devem nomear delegados às Bólsas Sociais de Trabalho;

2.º Que à Confederação Geral do Trabalho fique o encargo de criar, no mais curto prazo de tempo, as Bólsas Sociais de Trabalho.





N.º 206 de A BATALHA Folhetim N.º 16

# O CALVÁRIO

POR OCTAVE MIRBEAU

III

Levantou-se e passou agitado no atelier. Gesticulando encolerizado, tombava as cadeiras, e os cartões, dava pontapés nos estudos. Julgou que estava doido. Os seus olhos injectados de sangue, esgarçavam-se, estava muito pálido e as palavras saíam-lhe, rangendo, sacudidas, da boca contraída.

— Nascerei da mulher, os homens!... Que loucra! Os homens serem gerados desse ventre impuro!... Os homens, criados dos vícios das mulheres, das suas nervosidades imbecis, dos seus apetites ferozes, aspirarem o suco da vida nos seios depravados!... A mãe!... Ah! sim, a mãe!... A mãe divina, não é verdade? A mãe, que fez de nós esta raça de doentes e degenerados que nós somos, a mãe, que sufoca o homem na criança, e nos atira ao mundo sem unhas, sem dentes, brutos e vencidos, sobre o canapé de amante ou sobre o leito de esposa...

Lirat parou um momento; sufocava. Depois, juntando as mãos e enclavilhando os dedos crispados, ergueu-as no espaço, em torno de um pequeno imaginário, loucamente, terrivelmente, e gritou: — Eis o que se devia fazer a toda a mulher. Compreendes?... Hein? Dize! A todas.

E recomeçou a passear, de um lado para o outro, praguejando, batendo com os pés. Mas esta última expansão de colera, tinha-o aliviado visivelmente.

— Vamos, meu bom Lirat, — disse-lhe eu — acalma-te... Isso faz-te mal, e não há motivo para tanto; pego-te!... Vamos, tu não és mulher nenhuma...

— Também é verdade, mas tu irritaste-me com a tal Juliette... Que tens tu com essa Juliette?...

— Não era natural que eu desejasse saber o nome de uma pessoa a quem me tinhas apresentado?... E depois, francamente, atendendo a que se não inventou outra máquina para fazer meninos...

— Atendendo a que sou um estúpido — interrompeu Lirat, — que se tornou a sentir um pouco envergonhado, diante do caveleite, e com voz mais sosegada, me perguntou: — Meu caro Mintie, queres servir-me, um instantinho, de modelo para o meu homem?... Isto, se te não aborreceres... Dez minutos apenas.

Joseph Lirat contava quarenta e dois anos. Tinha-o conhecido, uma noite, por acaso, não sei onde, e ainda que

ele não fosse o dinariamente expansivo, ainda que tivesse a reputação de ser um misantropo, insociável e mau, afeiçoou-se-me desde logo.

— Não é estúpido pensar que as nossas melhores amizades, que deviam ser o resultado de uma demorada selecção; que os acontecimentos mais graves da nossa vida, que só deveriam ser conduzidos por um encadeamento logico de causas, não são, a maior parte das vezes, mais do que o produto instantâneo do acaso?

Estais em casa, no vosso gabinete, tranquilamente sentados diante de um livro. Fôra, o céu está escuro, o ar frio; chove, o vento sopra; a rua está encharcada e lamacenta; portanto, todas as boas razões do mundo vos indicavam que não abandonásseis a vossa poltrona... Na entanto, saís, impelidos por um inimigo, por uma tendência, não sabeis porque: por nada... E eis que, ao fim de cem passos, encontrais o homem, a mulher, o trem, a pedra, a casa de laranja, a poça de agua, que vão transformar a vossa existência, por completo.

No mais doloroso das minhas angustias, tenho muitas vezes pensado nestas coisas, e frequentemente tenho dito a mim proprio, com amargos remorsos: "Portanto, se na noite em que encontrei Lirat em um sítio esquecido, onde eu por certo não tinha que fazer, tivesse ficado em casa, a trabalhar, a sonhar ou a dormir, seria talvez hoje o homem mais feliz da terra, e nada do que me tem sucedido me sucederia."

E esse minuto de hesitação banal, esse

minuto em que eu me perguntei, indiferente: «Vejamos: saíste? não saíste?» esse minuto condensou o acto mais importante da minha vida: do meu destino se delinhiu nesse breve instante, que nas minhas recordações, não deixou mais vestigio do que deixa no céu o vendaval que derruba a casa e desenastra o carvalho!

Recordo-me das mais insignificantes minúcias da minha existência... Lembrou-me até de um fato de veludo azul, abotoado à frente, que eu usava, ao domingo, quando era pequeno; poderia, julgo, contar sobre a sotaína do padre Blanchetière, as nodos de gordura ou os grãos de tabaco que ele deixava cair quando tomava a pitada. Coisa curiosa: muitas vezes, mesmo quando choro, olhando o mar ou contemplando o sol quente sobre a planície extatica, vejo, por um capricho odioso dessa ironia que existe no fundo dos nossos ideais, dos nossos sonhos e dos nossos sofrimentos, vejo, sobre o nariz de um velho guarda que nós tínhamos — o pai Lejars — uma grande verruga, esburacada e comica, com os seus quatro pelos que serviam de poleiro às moscas...

Pois bem; esse minuto que decidia da minha vida, que me custou a tranquilidade e a honra, e me tornou semelhante a um cão leproso; esse minuto, tenho querido reconstitui-lo, restabelecê-lo, com o auxilio de indicações físicas e de impressões morais, e não o encontro. Assim passou, no curso da minha existência, um acontecimento tremendo, um só, pois que todos os outros deram

lugar a esse escape-se-me em absoluto... Ignoro o instante, o lugar, as circunstâncias, a razão determinante.

Que sel entio de mim?... Que podem saber os homens de si proprios, se estão verdadeiramente impossibilitados de remontar até à origem das suas acções? Nada, nada absolutamente! Será preciso explicar os fenómenos enigmáticos do nosso cérebro e as manifestações da nossa pseudo-vontade, pela energia desta força cega — a fatalidade humana?... Mas, não é disso que se trata.

Disse que tinha encontrado Lirat, uma noite, por acaso, não sei onde, e que desde logo, ele se me afeiçoou... Era o mais original dos homens...

Pelo seu aspecto severo, de uma rigidez mecânica e magistral, tendo nos seus modos qualquer coisa de oficial, dava, à primeira vista, a sensação de uma espécie de funcionário articulado, de fantoche.

Esta impressão dissipava-se depressa: bastava para isso, ouvir, cinco minutos que fosse, a sua conversação nítida, colorida, palpitante de ideias originaes, e sobretudo, suportar o domínio do seu olhar, um olhar extraordinário, ebrio e frio ao mesmo tempo, um olhar ao qual coisa alguma era estranha, e que nos penetrava, a nosso pesar, como uma vermena, profundamente.

Eu gostava dele; mas na minha amizade não havia nenhum encanto, nenhuma ternura; estimava-o amodo, com timidez, com esses entimentos dolorosos de quem julga pequeno ao lado dele, e por assim dizer, ismagado pela grandeza do seu ge-

nio... Admirava-o como se admirava o mar ou a tempestade, como se admirava uma força enorme da natureza.

Lirat intimidava-me; a sua presença paralisava as minhas poucas faculdades intelectuais, e eu receava sempre deixar escapar uma tofice, de que ele se riria.

Era duro e implacável para toda a gente; sabia tam bem, entre artistas ou entre escritores que eu julgava infinitamente superiores a mim, descobrir o ridículo e nota-lo com um reparo justo, inolvidável e feroz, que eu encontrava-me em frente dele em um estado de perpétua desconfiança, de constante inquietação.

Perguntava sempre a mim proprio: «Que pensarás de mim? Que sarcasmos lhe inspirarei?» Tinha esta curiosidade feminina, que me observava, de conhecer a opinião dele a meu respeito, procurava, por alusões longinquoas, por extranhas provocações, por hipócritas rodeios, surpreender ou provocar essa opinião, e sofria ainda mais, se ele me atirava um cumprimento banal, como se atirava dois socos a um mendigo de quem a gente se deseja ver livrar; pelo menos, eu julgava que era assim.

Em uma palavra, estimava-o muito, confesso, e era-lhe inteiramente dedicado; mas, nesta afeição e nesta dedicação havia uma incerteza que lhes quebrava todo o encanto; havia também um despeito que as tornava quasi dolorosas, o da minha inferioridade: nunca pude gosar em paz esta ligação que eu avaliava no mais alto grau.

Contudo, Lirat mostrava-se sim comigo, afectuoso muitas vezes, o paternal, e dos seus rarissimos amores era o único cuja companhia ele curava.

Como os desprezadores da tradição aqueles que se revoltam contra os preconceitos da educação rothneira, tra as fórmulas imbecis de qual Escola, Lirat era muito discutido — ganho-me — muito insultado.

E' justo confessar também que suas concepções de arte, livres e immissas, iam contra todas as convenções professadas, contra todas as ideias guiadas, e eram de uma poderosa sse, de uma sciência prodigiosa que brepujava a arte.

As suas criações assombravam amadores do bello, e mesmo do cioso, da fria correcção das obras dêmicas. O regresso da pintura mo na à grande arte gótica, eis o que guem lhe perdoava.

Tinha feito do homem de hoje, sua áncia de gôso, um diabo preve com o corpo minado de nervuras, as carnes suplicadas por luxurias, quejante sempre debaixo de paixão o estrangula e lhe crava as garras pale.

Nestas anatomias, em atitudes vindoras, em monstruosas apófises que vestidos deixavam adivinhar, punha um tal cunho de humanidade, uma expressão de volúpia infernal, um tragico arrebatamento que, deante os, nos sentiamos sacudidos por um tremecimento de terror. (Continua)

**Tintas e Lacadas**

**RIPOLIN**

MARCA REGISTRADA

**À venda em todas as drograrias**

DEPÓSITO GERAL:

**Charles Creange**

159, Rua dos Douradores, 1.º E. — LISBOA

TELEFONE CENTRAL 616

**Fósforos**

Ficam avisados os srs. revendedores de fósforos de que podem dirigir directamente os seus pedidos:

No norte do País, aos Revendedores Gerais:

**Alves Macedo & Borges, S.ª**

67, Rua do Bom Jardim, 69 — PORTO

No Sul e Ilhas Adjacentes, aos Revendedores Gerais:

**Nogueira Marques & C.ª**

Rua da Alfândega, 92 — LISBOA

sendo os preços por caixa de 3.600 caixinhas (25 grozas):

Fósforos de enfiore 36\$00 ou \$01 por caixinha; ditos Amorfois, 72\$00 ou \$02; ditos de Cera Comum, 72\$00 ou \$02; ditos de Cera de Luxo n.º 1 (quarto de caixa), 36\$00 ou \$04; ditos de Cera de Luxo n.º 2 (quarto de caixa), 27\$00 ou \$03 por caixinha, com o desconto legal de 10,00, seja qual for o número de grozas pedidas.

Quaisquer queixas acerca da demora da execução dos pedidos ou falta de concessão do desconto, devem ser dirigidas à Companhia Portuguesa de Fósforos, rua de S. Julião, 139 — LISBOA.

**TUBO**

do chumbo novo para Agua e Gás.

Tubo de ferro fundido para algerozes de 4".

Um motor a gaz pobre completo Socoport 30 HP.

Serra circular com mesa de ferro e três folhas.

Uma ventoinha 7" 3/4.

Dois enfardadeiras para palha.

Uma enfardadeira para cortiça.

Madeira para calças.

Taboado diverso.

Cimento.

Vergalhão de ferro novo 1" 3/4 quadrado.

Apo francês especial para minas 1" 1/4 octavado.

Folhas novas de moles.

Ferragem diversa para navios.

Fio de canhamo francês em bobinas.

Vende: A. B. dos Reis.

Cais do Sodré, n.º 52

**VENDE-SE**

Terrenos baratos, 500 rs. o metro em diante. — R. Maria Pia, 133, rjc., esq.

Em tempo de eleições, E. Malatesta

Preço 2 centavos

Leiam todos — Um folheto de boa propaganda

**Comp. Caminhos de Ferro Portugueses**

Sociedade anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

AVISO AO PUBLICO

2.º aditamento à tarifa especial n.º 14 — Pequeña velocidade — Estacionamento de vagões postos pelos expedientes a disposição do Caminho de Ferro

A partir de 30 de corrente a 5.ª das condições particulares da tarifa especial n.º 14 de P. V. em applicação desde 20 de Janeiro de 1912 fica substituída pelo seguinte:

3.º — Taxa de estacionamento de vagões:

a) Vagões carregados, 800 por vagão e período individual de 24 horas; b) Vagões vazios, 100 por vagão e período individual de 24 horas.

Em tudo quanto não seja contrário às disposições do presente, ficam em vigor as condições da tarifa especial n.º 14 de P. V., bem como do seu aditamento.

Lisboa, 8 de Setembro de 1919. — O director geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

**Brevemente**

**NOTAS & COMENTÁRIOS**

por Perfeito de Carvalho

**DINHEIRO**

A MODERADA — Empréstimo sobre joias, ouro, prata, papeis de crédito, mobília, etc. Compra-se sucata de ouro

Vende-se calçado de toda a qualidade mais barato e mobilias

Compram-se cautelosas do Monte-pios Geral e Commercial

**COMPRA-SE E VENDE-SE OURO**

RUA ALVES CORREA, 171-173 — (Frente R. Carrião) — TEL. 3.256

**BENTO, SILVA PINTO, L.ª**

**Conselho de Administração da Construção dos Bairros Sociais**

Para o fornecimento dos materiais abaixo designados, o C. A. C. B. S. recebe propostas, em carta fechada, até às 14 horas, de 29 do corrente, na sua sede, rua do Arco do Cego, 54-A.

Na Secretaria do Conselho estão patentes as condições do fornecimento e detalhes respectivos das 11 a 17.

**MATERIAIS**

45.000 quilos de Cimento Asland (em barricas)	8" n.º 3
10 alcofas de prego quadrado	6" n.º 5
60 " " " " " "	5" n.º 6
100 " " " " " "	" " " "
250 " " " " " "	telhado n.º 7
150 " " " " " "	mj telhado n.º 8
240 " " " " " "	galeota n.º 9
150 " " " " " "	1/2 galeota n.º 10
20 " " " " " "	sétia n.º 11
20 " " " " " "	fasquiado 5 n.º 13

528 peças de cantaria, sendo: 80 vergas, 160 peitoris, 128 cachorros, 128 floreiras, 32 degraus.

Para a Secretaria fornecem-se os desenhos respectivos: 1.000 m² de cascalho ou brita, 500 m³ de areia, 1.000 m³ de pedra de alvenaria

Todos os materiais serão colocados na sede do 1.º Bairro Social, Quinta das Côrtes, Rua do Arco do Cego, devendo os fornecedores declarar nas suas propostas o prazo da entrega.

A abertura das propostas far-se-á na presença dos concorrentes, no dia e hora acima indicados.

Pelo CONSELHO. — O Vogal de Serviço, (a) Alfredo Franco.

**ATENÇÃO**

Empire Machine Co., sociedade anónima inglesa, actual proprietária da patente de invenção n.º 4.766 para "Aperfeiçoamento na fabricação de chapas de vidro e nos aparelhos para essa fabricação", concedida a 1 de Fevereiro de 1905, desejando que o seu invento seja o mais possível aproveitado no país, declara que se pronuncia a conceder licenças para o uso parcial do privilegio ou mesmo a vender a patente. Correspondência a Boulton, Wade & Tennant, 112, Hatton Garden, London.

**Tinta "ALABASTINE"**

A melhor para pintar paredes Seca em 24 horas

Esta maravilhosa invenção americana sóse prepara com água fria, ficando muito mais económica que qualquer outra. Depositário e representante exclusivo em Portugal e colónias (587)

**Luís Alberto de Pinho**

Calçada do Carmo, 25, sobreloja

**"A ABASTECEDORA"**

Companhia Portuguesa — Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada, em organização

Capital inicial: QUINHENTOS MIL ESCUDOS (500 contos)

Podendo elevar-se até dez milhões de escudos (10.000 contos) em acções liberadas de esc. 10\$00

Sede provisória: R. Nova do Almada, 95, 2.º — LISBOA

Esta Companhia destina-se especialmente à venda ao publico, em todo o país, em estabelecimentos próprios e nas suas agências, de todos os géneros de primeira necessidade, pelos mais reduzidos preços, a fim de conseguir a redução do custo da vida.

Acceptam-se pedidos de acções, sujeitos a rateio, até 15 de Outubro. Envia-se gratis o programa a quem o pedir.

**A BATALHA**

encontra-se à venda em todas as tabacarias e quiosques.

**MAQUINAS DE ESCRIVER**

Unica officina no país devidamente montada para as suas reparações e reconstruções

**PRAÇA LUIZ DE CAMÕES**

(Esquina da Rua do Mundo)

583 TELEFONE — 3.066-C

**Chapelaria A SOCIAL**

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindissimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

**GRANDE NOVIDADE**

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

**ESPECIALIDADE EM CHAPÉUS DE COCO, SEDA E FLAMÃO**

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

**Estabelecimentos**

Sóde: 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.º Sucursal: Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A.

2.º Sucursal: Rua do Corpo Santo, 29.

3.º Sucursal: Rua do Arco do Marquês de Alegrete, 66, 68.

**FABRICA DE BONETES**

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo) (52)

**SIFILIS**

Grande descoberta de plantas para a cura da sífilis e de todas as doenças que derivam da pureza do sangue. Contem de pessoas saas curadas. Tratam-se de todas as doenças por mal arvas. Preço, 600 réis. Travessa da Oliveira, rua-do-chão, direito, a Estrela.

**A Minha Defesa**

por Jorge Etiévant

Auto-defesa do autor no tribunal, e das melhores obras de propaganda da revolução social.

Pedidos desde já a administração A Sementeira, Cais do Sodré, 88, ou administração desde jornal.

Cada exemplar, 5 centavos.

**Comp. Caminhos de Ferro Portugueses**

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

**Horário dos comboios**

7.º aditamento ao cartaz-horário D e E

Previne-se o publico de que, no próximo dia 14, inclusive, em diante, o serviço de comboios nas linhas desta Companhia se o anunciando no cartaz-horário D 151 de Abril de 1919 e nos seus aditamentos com as seguintes modificações:

Linhas de Leste — Comboio n.º 5 — De Beira Baixa a Entroncamento — Começa a circular no dia 15. Comboio n.º 22 — De Entroncamento a Lisboa-Rocio — Começa a circular no dia 15.

Linhas de Leste e ramal de Cáceres — Comboio n.º 102 — De Valência de Alcântara a Entroncamento — Começa a circular no dia 15. Comboio n.º 105 — De Entroncamento a Valência de Alcântara — Começa a circular no dia 15. Comboio n.º 121 — De Abrantes a Badajoz — Começa a circular no dia 16. Comboio n.º 126 — De Badajoz a Abrantes — Começa a circular no dia 16.

Linhas de Beira Baixa — Comboio n.º 11 — De Guedes a Entroncamento. Comboio n.º 163 — De Entroncamento a Guarda. Começa a circular no dia 15.

Travessa da linha de Sintra — Comboio n.º 1301 — De Lisboa-Rocio a Cintra — Começa a circular na noite de 14 para 15. Comboio n.º 1302 — De Lisboa-Rocio a Sintra — Começa a circular no dia 14. Comboio n.º 1303 — De Sintra a Lisboa-Rocio — Começa a circular no dia 14. Comboio n.º 1304 — De Lisboa-Rocio a Sintra — Começa a circular no dia 14. Comboio n.º 1305 — De Sintra a Lisboa-Rocio — Começa a circular no dia 14.

Notas importantes — Os comboios rores de mercadorias, anunciados no cartaz-horário D 151, passam a ser considerados como suplementares, deixando, por fazer serviço de passageiros, com excepção, apenas, dos comboios n.ºs 226, 228, que voltarão, desde 15 do corrente, fazer serviço de passageiros de 5.ª classe no percurso entre Alfaiões e Gail.

O presente annua substitui o 6.º aditamento (publicado em 4 do corrente) ao cartaz-horário D 151 acima citado.

Lisboa, 8 de Setembro de 1919 — O director geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

**OURO!!!**

Mais barato e não se paga feição — Só milagre!!!

**OURO**

Comprem na conhecida e acreditada casa Paiva & Fraga.

Ha sempre grande sortido de cordões, correntes, anéis, alfinetes e mais objectos em 2.º mais renovados com pouco feição.

**4 a 12, R. da Palma, 4 a 12**

Junto à Casa das Gaiolas

TELEFONE 3676

**Tuberculose, anemia, falta de forças e de apetite: Nucleo-calcina**

**Pharmacia Formosinho**

Praça dos Restauradores, 18

Lisboa 476

**Calçado Barato**

Só vende o

**CANDEIAS**

INTENDENTE (defronte do chafariz)

**Jesus na Guerra**

O mártir de Golgota volta à terra, a observar os frutos produzidos pela sua propaganda revolucionária, há perto de dois mil annos efectuada. Encontra a guerra, o massacre, a pilhagem, a violência. E de novo recommença predcando a fraternidade, o desinteresse. Os homens de agora, tão bons como os de outrora, não o compreendem. E Jesus morre, uma segunda vez, no apostolo do sublime que o impulsiona. Tal é o motivo da fantasia de Adrian del Valle, fantasia concebida em intuitos de evangelização revolucionária e emancipadora.

**Jesus na Guerra**

tem páginas de extraordinária emotividade. E os ensinamentos que esta bela obra ministra, por uma forma romântica e amena, são absolutamente dignos de apreço.

Um elegante volume, artisticamente agualado na capa, claramente impresso, bom papel.

**PREÇO \$50 centavos**

A' venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

**RAZÃO**

(Poemeta social)

O inteligente operário gráfico Alfredo Neves Dias compôs um interessante poemeta social, cujo produto liquido reverte a favor do jornal A Batalha. Trata-se de uma pequenina obra, inspirada e sincera, tecnicamente perfeita, que se lê com agrado, pelas suas passagens atraentes.

**RAZÃO**

que se apresenta modestamente tem contudo um real valor.

Um folheto impresso em magnifico papel.

**Preço \$05 centavos (50 réis)**

A' venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

**O que são as Repúblicas dos Soviets**

A constituição política da República Federativa dos Soviets é ainda hoje coisa desconhecida para muita gente. E todavia, é grandissimo o interesse que os assuntos relativos à Revolução oriental devem despertar em todos os trabalhadores. A Revolução Russa mais não é que uma tentativa notável para a emancipação do operariado. Conhece-la nos seus intimos detalhes é utilissimo. Este elucidativo folheto traduz a constituição da República Socialista, com todos os seus artigos e parágrafos, abrindo com uma nota prévia por Espartaco.

Uma elegante brochura.

**Preço \$10 centavos**

A' venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

**A Rússia Nova**

por Henriette Roland

Introdução de Perfeito de Carvalho

O sumário desta utilissima brochura dá já uma ideia do seu valor. Trata ela da "Constituição actual da Rússia. — Estudo de um novo regime social. — Os Soviets e a sua obra. — Abolição da propriedade privada e reforma agrária. — Os serviços de instrução na Rússia. — Os factos principais ocorridos no primeiro anno da ditadura proletária vigente na Rússia sob a aquilante estudados, sobre textos de Oulianoff (Lénine), de Lunatcharsky e de outros vultos preminentes da República dos Soviets. Toda a legislação do regime novo é analisada no seu aspecto essencial.

Uma bela brochura de 32 páginas, composição compacta, capa a cores.

**Preço \$10 centavos**

A' venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

**Biblioteca de A Sementeira**

Delessalle — A confederação do trabalho. E. Silva — Teo do Livro e Arte social.... Kropotkine — Os bastidores das guerras Kropotkine — Em volta de uma vida... Landauer — A Social Democracia na Alemanha

Libertas — Orel e o anarquista..... Malatesta — Em tempo de eleições..... A Sementeira — 4.º anno e até ao último numero da 1.ª série, 16 numeros, 128 pag. de sociologia, biografia, gravuras, etc.... A Sementeira — Os 2 primeiros annos da 2.ª série, 1916-1917, com optima e variada colaboração, canções revolucionárias com musicas, trovas sociais, teatro, gravuras, etc. Além de cerca de 400 recortes, fórmulas e conselhos: um volume de 394 pag., solto..... A Sementeira, por assinatura, um anno \$86, anualmente.....

Satisfaçam-se todos os pedidos destas e de todas as publicações, quando acompanhadas das respectivas importâncias e dirigidas à administração de

**A SEMENTEIRA**

Cais do Sodré, 88 — LISBOA-PORTUGAL

**"A Batalha"**

(Hino revolucionário)

Música do maestro Tomás del Negro e letra do poeta operário João B. Um lindo folheto com capa artística, centavos.

A' venda na administração de A BATALHA.